PENSAMENTO FILOSÓFICO AFRICANO: DESAFIOS E RISCOS

RESUMO

Quando o problema da filosofia africana chega à academia, uma das questões levantadas é: por que falar de uma filosofia africana que se distinga da filosofia universal? A resposta é simples. Desde os tempos mais remotos que a África está presente no debate da filosofia, que o diga os gregos. Não se pretende, com esse estudo, rebater a questão. Pensamos apresentar algumas das vertentes actuais que orientam o debate das filosofias africanas e não mais da filosofia africana. A nossa reflexão é essencialmente descritiva e epistemológica.

Palavras-chave: Filosofia africana. Etnofilosofia. Colonização. Paradoxos. Bantu.

RÉSUMÉ

Lorsque la question de la philosophie africaine est abordée dans les milieux universitaires, l'une des questions soulevées est la suivante: pourquoi parler d'une philosophie africaine distincte de la philosophie universelle? La réponse est simple. Depuis l'antiquité, l'Afrique est présente dans le débat sur la philosophie, comme les Grecs peuvent nous le dire. Cette étude n'a pas pour but de debatre la question. Nous nous proposons de présenter quelques-unes des tendances actuelles qui orientent le débat sur les philosophies africaines et non plus la philosophie africaine. Notre réflexion est essentiellement descriptive et épistémologique.

Mots-clés: Philosophie africaine. Ethnophilosophie. Colonisation. Paradoxes. Bantu.

AFRICAN PHILOSOPHICAL THOUGHT: CHALLENGES AND RISKS

ABSTRACT

When the question of African philosophy enters the academic sphere, a common issue arises: why speak of a distinct African philosophy rather than a universal one? The answer is straightforward - Africa has participated in philosophical discourse since antiquity, as even the Greeks acknowledged. This study does not aim to refute that question directly, but rather to present some of the current perspectives guiding the debate around African philosophies, in the plural, rather than a single, unified African philosophy. This paper is primarily descriptive and epistemological in nature.

Keywords: African philosophy. Ethnophilosophy. Colonization. Paradoxes. Bantu.

Submetido em: 19/02/2025 **Aceito em:** 01/04/2025 **Publicado em:** 25/06/2025

Revista Expressão Católica

ISSN 2357-8483

Dr. Joaquim Pedro Neto Rescova

Universidade Agostinho Neto, UAN, Angola

jrescova@yahoo.com.fr

Centro Universitário Católica de Quixadá (UniCatólica)

1 INTRODUÇÃO

O Pensamento Filosófico Africano começou a sua estruturação em torno de dois grandes movimentos políticos, nomeadamente o Pan-africanismo, liderado pelo jamaicano Marcus M. Garvey e o americano William E. B. Dubois e alguns intelectuais africanos da diáspora com Kwame Nkrumah à cabeça; a Negritude, fundado na França por Aimé Césaire, Leopold Sedar Senghor, Franz Fanon, tendo posteriormente penetrado no mundo lusófono com Amilcar Cabral (Guiné e Cabo-Verde), Marcelino dos Santos (Moçambique) e Mário Pinto de Andrade, Viriato da Cruz, Lúcio Lara e António Agostinho Neto (Angola).

Do ponto de vista puramente filosófico, por muito tempo, os trabalhos sobre a "Filosofia Africana" giraram em torno das mesmas e repetidas questões: existe uma filosofia africana? E se existe, em que consiste? Filosofia africana é o mesmo que cultura tradicional? Não seria ousado afirmar a sua existência, separando-a do resto da filosofia? Todas essas questões inspiraram e inspiram uma pluralidade de pensamentos. É importante entender as razões daqueles que reduzem a sabedoria africana a uma pura e simples repetição de tradições antigas expostas sem nenhum rigor de análise e reflexão crítica; daqueles que defendem uma filosofia africana presente no tempo e no espaço e, finalmente, daqueles que preferem que a filosofia africana se dedique exclusivamente à tarefa de libertar a África da dominação e do subdesenvolvimento, sem ter em conta outros aspectos existenciais do homem africano.

Em sua obra "*Filosofia da História*" publicada pela primeira vez em 1837, Hegel considerou o africano como um ser incapaz de raciocinar, ou seja,

> A principal característica dos [as] negros [negras] é que sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, como leis, pelas quais o homem se encontraria com a vontade, e onde ele teria uma idéia geral de sua essência. Em sua unidade indiscriminada e compacta, o africano ainda não chegou a essa distinção de si como indivíduo e de sua generalidade essencial. Por isso, carece também do conhecimento de uma essência absoluta, que seria um outro, superior a ele mesmo. O negro representa, como já foi dito, o homem natural, selvagem e indomável. Devemos nos livrar de toda reverência, de toda moralidade e de tudo o que chamamos sentimento, para realmente compreendê-los. Neles, nada evoca a ideia do caráter humano. (Hegel, 2008, p. 83-84).

A questão da existência ou não da Filosofia Africana, constituiu o grande debate os pensadores africanos, logo após as primeiras proclamações das independências dos povos africanos, nas décadas de 1960/70.

O que pretendemos, com essa reflexão não é desarticular, muito menos desmembrar o pensamento hegeliano, alguém que nunca esteve em África para um contacto directo com as populações desse continente. Consideramos, todavia, que:

> Essa visão imperialista inscreveu em nossa subjetividade: histórias, imagens, maneiras assimétricas de nos relacionar com o continente africano, que só são possíveis de ser (des) construídas, e visualizadas de outra forma, com a descolonização do nosso próprio pensamento. Ou seja, não podemos incorporar aos currículos e ao ensino de filosofia o pensamento negro-africano alicerçados na lógica colonial, remoldando a geopolítica racista sem realmente confrontá-la. Portanto, "sua promoção não poderá certamente fazer-se num quadro neocolonial" (Sow, 1977, p. 26).

Precisamos também reflectir se o termo "Filosofia Africana" quer referir-se a uma 'filosofia unificada' ou a correntes filosóficas espalhadas um pouco pelo continente africano! São muitos os desafios para a compreensão da Filosofia africana, hoje defendida por muitos como "Filosofias africanas".

2 UMA TENTATIVA DE COMPREENSÃO DO PENSAMENTO FILOSÓFICO AFRICANO E OS SEUS PARADOXOS

Numa obra intitulada "La Philosophie bantoue" (A Filosofia Bantu[1]), o padre belga Placide Tempels, lança as bases para a reflexão de uma verdadeira filosofia africana. Trata-se, na verdade, de uma reação ocidental às teses de outros ocidentais sobre a pertença exclusiva da filosofia ao Ocidente e à incapacidade de outros povos, sobretudo o povo africano, a formular um pensamento discursivo, abstracto e lógico, como defendiam Hegel, Heidegger, Arthur de Gobineau, Lucien Lévy Bruhl, Le Roy, Pierre Ryckmans, entre outros.

2.1 Primeiro paradoxo: reconhecer uma filosofia africana para perpetuar a sujeição dos africanos

A obra de Tempels foi dirigida especificamente para os europeus interessados a viver em África ou a explorá-la.

Tempels considerava que bantu possui um conceito relacional da realidade. Os seres e as coisas, no seu conjunto, são concebidos como possuindo uma força, a "Força vital", que faz parte da estrutura ontológica básica e primária. Essa teoria da "força vital" expressa-se através da vida, com múltiplas evidências: a sabedoria, a autoridade, os ancestrais; a experiência da natureza e dos fenómenos vivos; o homem e a sua força natural que pode crescer e diminuir; a ética, o conceito do bem "que valoriza a vida" e o conceito do mal, "que prejudica a força vital".[2]

A argumentação de Tempels parte da premissa de que "todo comportamento humano se baseia em um sistema de princípios", que não é mais verdade para "o europeu moderno e hiper-civilizado" do que para o Bantu. Tempels deduz que a filosofia não se expressa apenas através de tratados sistemáticos, obras, lições e palestras nas universidades, mas que está presente em todos os comportamentos humanos, em toda experiência vivida. Segundo ele, não se deve esperar do primeiro homem negro um relato sistemático de seu sistema ontológico. No entanto, esta ontologia existe: penetra e informa todo o pensamento do primitivo, domina e

[1] O que entendemos por filosofia Bantu?
O termo Bantu é relativamente novo, introduzido no século XIX pelo alemão Wilhelm Bleek, a fim de "marcar o parentesco próximo entre todos os dialectos falados pelos africanos- excepto os bosquímanos hotentotes – que vivem a sul dos Camarões e do Quénia, aproximadamente ao longo do limite norte da Floresta Equatorial, ao sul do continente africano, constituindo cerca de 1/3 (um terço) dos habitantes do continente. A princípio, a expressão parecia ter um tom puramente linguístico[1], e agrupa idiomas que usam a palavra "*Muntu*" para descrever a pessoa humana no singular, formando o plural "*Bantu*". Existe uma relação linguística muito forte entre os diferentes grupos. No entanto, além desse parentesco linguístico há, sem dúvidas, um histórico de crenças, rituais, costumes semelhantes, uma cultura com traços específicos e idênticos que os une e reúne, independentemente da identidade racial. Cfr. J. Rescova, Mariage Traditionnel Kongo – Makuela, Corps resistant du langage culturel bantu, Paris, Paari Ed. 2022, p. 27 ss.

[2] Estes e outros elementos, podem ser encontrados num trabalho síntese realizado pelo Professor Balimbanga MALIBABO, em filosofiapop.com.br, postada a 2 de Agosto de 2023 por Marcos Carvalho Lopes. Sobre os paradoxos da filosofia africana, existem estudos do Professor Ernest-Marie Mbonda, da Universidade Católica de Yaoundé da África Central, nos Camarões.

dirige todo o seu comportamento. O facto dessa filosofia encontrar-se basicamente ao nível do vivencial e do inexprimível, não é por isso que ela é inacessível e evasiva. Os ocidentais que desejam estudar a filosofia Bantu têm as ferramentas científicas, filológicas e filosóficas necessárias para levar essa filosofia da ordem do inexprimível ao exprimível, do não sistematizado ao sistematizado, do incoerente ao coerente, do intuitivo ao discursivo (Tempels, 2012).

A intelectual retórica racista e os preconceitos estigmatizantes sobre os negros não é uma invenção de Tempels (ver Delafosse 1923 e H. Dieterlen 1888) levou a reações favoráveis de europeus, como a de certos círculos africanistas e de filósofos como Bachelard, Gabriel Marcel, Lavelle e Jean Wahl. Enquanto sacerdote, Tempels estava muito mais empenhado a uma rápida e eficaz cristianização, mas que a uma descolonização política e até mesmo cultural.

Quanto ao método, ao entrevistar os nativos e em função das respostas recolhidas, Tempels conseguiu explorar vários elementos filosóficos implícitos na Cultura Bantu. Consideramos que, nas circunstâncias em que ele actuou, é possível "num momento embrionário", iniciar uma reflexão filosófica a partir dos costumes de um determinado povo, das suas narrativas, contos e mitos, por constituírem o nexo de toda a relação social entre eles.

2.2 Segundo paradoxo: a "Etnofilosofia"[3] ou filosofia para o outro

Uma filosofia colectiva?

A obra de Tempels foi um verdadeiro despertar da Filosofia Africana. Este fascínio não fez mais do que aumentar o que mais tarde se tornaria numa espécie de Escola de pensamento filosófico em África. Muitos intelectuais africanos, na sua maioria já treinados na filosofia ocidental, descobrirão de repente que, além da teoria platônica das Ideias, da lógica aristotélica, do cogito cartesiano, da razão pura e do imperativo categórico kantiano, podia existir também filosofia nas próprias culturas.

Tempels teve seguidores entre os pensadores africanos da época, destacando-se Alexis Kagame (A Filosofia Bantu-Rwandesa do Ser), François-Marie Lufuluabo (Rumo a uma Teodiceia Bantu), Jean-Calvin Bahoken (Clareiras Metafísicas Africanas), John Mbiti (Religiões e Filosofia Africanas), Basile Fouda (A filosofia negra-africana da existência), Alassane N'Daw (Podemos falar de um pensamento africano?).

Mas era justo considerar que a filosofia que se pretendia construir em África fosse apenas baseada em crenças, valores e mitos?

Outros autores consideraram que a obra de Tempels era uma real confusão entre etnologia e filosofia, afirmando que se estava a lidar com uma disciplina híbrida, que poderia ser chamada, de acordo com um neologismo de Marcien Towa e Paulin Hountondji, a "etnofilosofia". Towa mostrará que o método é estender injustamente o conceito de filosofia para poder incluir todas as manifestações da cultura ou levar os dados da etnologia (crenças, mitos, rituais...) simplesmente baptizando-os com o termo filosofia, sem que seja justificada essa

[3] O termo "etnofilosofia" tem sido usado para designar as crenças encontradas nas culturas africanas. Tal abordagem trata a filosofia africana como consistindo em um conjunto de crenças, valores e pressupostos que estão implícitos na linguagem, práticas e crenças da cultura africana... o termo foi lançado nos fins dos anos 60 e início dos anos 70 por Marcien Towa nos Camarões e Paulin Houtondji, como refere esse último, num artigo publicado na revista. Exchoresis: Revue Africaine de Philosophie, n. 7, 2008, p. 1-9, com o Ethnophilosophie: le mot et la chose (Etnofilosofis: a palavra e a coisa).

mudança repentina de dados culturais em pensamento filosófico. Sendo o desafio o de convencer o outro da existência de uma filosofia em África, seria suficiente que alguns dados que em outros lugares entrariam, antes, no campo da antropologia ou da religião fossem designados como filosofia "africana", de modo que o outro fosse convidado a admiti-los como tais: "Mitologia" no outro lado dos Pirenéus, "Filosofia Africana" deste lado (Towa, 1971).

Por outro lado, Hountondji estava completamente de acordo com esta crítica, e ainda iria mais longe. Colocou em questão não somente o método, mas também, e em primeiro lugar, o objeto de estudo. A reconstrução laboriosa da "filosofia bantu" ou da filosofia africana em geral, não pecava somente pelo método híbrido. Sua primeira fraqueza residia em ser um estudo sem objeto. Porque, a seu ver, a 'filosofia africana', entendida como um sistema de pensamento colectivo, não pode ser um mito, uma invenção do saber exegeta que trabalha para reconstituir. A etnofilosofia era, para ele, representava um discurso fantasma, por isso era necessário passar da África-objecto para a África-sujeito (Houtondji, 2008). Considerar que tanto Houtondji com Towa não estavam de acordo com o facto de Tempels ter universalizado, para todo bantu, um estudo que realizou na Região na região de Katanga (República do Congo Democrático).

Ainda Eboussi-Boulaga (1968) considera a filosofia Bantu de Tempels como um todo, mas a rejeita como metodologicamente incorreta por se tratar de uma construção composta que falha em determinar seu objeto e método.

2.3 Terceiro paradoxo: as instituições da prática da filosofia em África

São as Escolas e as Instituições Universitárias que têm a missão de realizar uma filosofia autêntica em África ou mesmo uma filosofia autenticamente africana. Para iniciar uma filosofia autêntica em África, a questão já não é de saber quais filosofias devem ser estudadas. É necessário, portanto, evitar qualquer ensino aos descontos, pensamos. A aprendizagem da verdadeira filosofia, duma filosofia que não é barata, também requer programas apropriados. Não há que escolher entre a filosofia ocidental e outras filosofias. A questão que se coloca, é que tipo de Escolas (universitárias e outras) estão habilitadas ao ensino da filosofia e sob que modelo.

2.4 Quarto paradoxo: a questão da língua e da filosofia linguagem

Na defesa de uma filosofia autenticamente africana, existe um paradoxo evidente: o papel das línguas africanas na filosofia africana. Por um lado, defende-se o desenvolvimento de filosofias adequadamente africanas e, por outro, essas filosofias continuam a ser produzidas em discursos filosóficos apenas e através das línguas ocidentais. Existem factores que explicam esta situação: a dominação colonial, a dependência económica e cultural de África, o prestígio apegado dos próprios africanos em dominar as línguas ocidentais, o desprezo das línguas africanas pelos intelectuais africanos, a natureza muito regional e não muito internacional dessas línguas, a extrema diversidade das línguas africanas (Rettova, 2002).

A aprendizagem da filosofia, incluindo a filosofia africana, deve passar paradoxalmente através das línguas de culturas não-africanas. Enquanto a filosofia grega fala em grego, a filosofia alemã em alemão, a filosofia inglesa em inglês, a filosofia africana está praticamente condenada a falar em outras línguas. Ora, sabemos muito bem que um idioma está longe de ser simplesmente um sistema de palavras. Ela é sempre portadora de uma visão do mundo, de

como um povo analisa sua própria realidade. Kwasi Wiredu argumenta, por exemplo, que não se pode, verdadeiramente, praticar a filosofia africana se não formos forçados a pensar nas próprias línguas africanas: "O antídoto para esse impedimento, tanto quanto posso ver, é para o filósofo africano tentar pensar filosoficamente em seus próprios vernáculos, mesmo que ainda tenha que expor seus resultados em alguma língua ocidental" (Wiredu, 2002).

2.5 Países Africanos de Língua oficial portuguesa

O debate sobre Filosofias Africanas nos países de língua oficial portuguesa começa a ganhar proporções aceitáveis do ponto de vista do debate Filosófico identitário, do ponto de vista da investigação científica e da partilha de conhecimento. Todavia, este esforço ainda é embrionário, com destaque para Serverino Ngoenha, José Castiano e Ergimino Mucale de Moçambique (este último autor da célebre frase, "a filosofia vai adiante de nós"); Angola com trabalhos de Mambu Teresa, Luis Kandjimbu, Patrício Batsîkama, Moisés Kamabaia e outros docentes universitários e não só (que aqui não vamos mencionar propositadamente);

3 À GUISA DE CONCLUSÃO

Sem descurar o período pré-colonial, os estudos sobre as filosofias africanas são o fruto da história e de um contexto marcado, por um lado, pela colonização e por outro pela pós-colonização. Uma história de linhagens, de comunidades, de religiosidade, o grito "ubuntu"[4] (eu sou porque tu és) que precisam ser (re) interiorizados e abertos para um mundo que também é testemunha da sua história. A filosofia africana existe porque ela é vida, é identidade, é escravidão, é luta e é libertação. A ambiguidade que se reclama à Filosofia de Tempels é compreensível, porque ela abriu portas para uma reflexão mais profunda sobre os paradoxos que determinaram o nascimento e a evolução da filosofia africana, muitas vezes reduzidos aos paradoxos de alteridade, identidade e diferença. Esses paradoxos não empobreceram a reflexão filosófica, pelo contrário contribuíram em grande parte para uma reflexão metodológica sobre o *status* epistemológico da filosofia em geral, abrindo caminho à prática de uma filosofia mais aberta para contribuições de outros lugares. Hoje as filosofias africanas são desafiadas a reflectir sobre a paz, a reconstrução do tecido humano e social, a fome e as desigualdades sociais, contrários ao espírito "ubuntu".

[4] Expressão linguística bantu de difícil tradução para as línguas europeias, que pode ser sinónimo de relação entre o eu e o tu, o indivíduo e a comunidade, sinónimo de fraternidade, abertura de espírito. O termo ganhou uma forte ligação à luta contra o apartheid na África do Sul. Vide wikipedia.org /wiki/ubuntu- filosofia.

REFERÊNCIAS

EBOUSSI-BOULAGA, F. **Le Bantou problématique**. Paris: Présence Africaine n. 66, 1968.

HEGEL, G. W. F. **Filosofia da História**. 2. ed. Tradução: Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

HOUTONDJI, P. Sobre Filosofia Africana. Tradução: César Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2024.

RESCOVA, J. **Mariage Traditionnel Kongo**: - Makuela - Corps résistant du langage culturel bantu. Paris : Paari, 2022.

RETTOVA, A. **Présence Africaine**. Paris: PUF, 2002.

SOW, A. I. **Introdução à cultura africana**. Tradução: Emanuel L. Godinho; Geminiano Cascais Franco e Ana Mafalda Leite. Lisboa: Edições 70, 1977.

TEMPELS, P. R. P. **Filosofia Bantu**. Tradução: Amélia Mingas e Zavoni Ntondo. Luanda: Edições Kwuindula, 2016.

TOWA, M. **Essai sur la problématique philosophique dans l'Afrique actuelle**. Yaoundé: Clé, 1971.

WIREDU, K. Descolonização conceitual como um imperativo na filosofia africana contemporânea: algumas reflexões pessoais In: RETTOVA, A. **Présence Africaine**. Paris: PUF, 2002. p. 56-57.